




## RECORDAÇÕES FOTOGRÁFICAS DO HIPISMO BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS (1948-1996)

Photographic memories of brazilian teams in the Olympic Games (1948-1996)

Memorias fotográficas de equipos brasileños en los Juegos Olímpicos (1948-1996)

Guilherme Carvalho VIEIRA<sup>1</sup> , Ester Liberato PEREIRA<sup>1</sup> , Janice Zarpellon MAZO<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Montes Claros (Brasil)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Brasil)

### Resumo

O movimento olímpico da modernidade e o processo de industrialização emergem praticamente no mesmo momento, quando o esporte é vislumbrado como um instrumento benéfico para manter o corpo produtivo e controlado. Nessa direção, as máquinas e as aspirações de ruptura com as representações culturais identificadas com o antigo fazem-se necessárias à conformação de outro imaginário social. O hipismo é uma das práticas esportivas que pode exemplificar a construção de descontinuidades e continuidades de representações na dinâmica entre o antigo e o moderno. O objetivo da pesquisa é investigar que representações culturais da modalidade do salto do hipismo foram estabelecidas por meio de fotografias veiculadas em reportagens sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos entre os anos de 1948 e 1996. O recorte temporal da pesquisa situa-se entre o ano de 1948, quando, pela primeira vez, atletas brasileiros da modalidade Salto do Hipismo representaram o país em Jogos Olímpicos, e estende-se até o ano de 1996, o qual baliza a conquista da primeira medalha olímpica brasileira na referida modalidade hípica. De tal modo, atrelamos dois artefatos de modernidade e sua relação com o movimento olímpico, ao aplicarmos, como metodologia, a análise de imagens veiculadas pelas reportagens sobre as delegações brasileiras no cenário olímpico. Além disto, foram submetidos, à análise documental, jornais, revistas e demais periódicos que continham a temática disponível na Hemeroteca Digital (BNDigital) da Fundação Biblioteca Nacional. Foram acessadas imagens disponíveis em centros de memória do esporte, sites da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), de federações estaduais e da Federação Equestre Internacional (FEI). Diante da problemática da imagem como operador da memória esportiva e artefato de modernidade, a interpretação dos indícios está amparada no campo da Nova História Cultural, a fim de compreender como sucedeu o registro e quais as suas funções na composição de um artefato ou lugar de memória. Do mesmo modo, buscamos interpenetrar os registros que se conservam e aqueles que não permanecem, ao empenharmo-nos em cruzar aqueles que estão disponíveis nos centros de memória e nos sites oficiais com os demais encontrados na imprensa do período.

**Palavras-chave:** hipismo, Jogos Olímpicos, fotografia, história do esporte, memória esportiva.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

## Abstract

The Olympic movement of modernity and the process of industrialization emerge at about the same time, when sport is envisioned as a beneficial tool to keep the body productive and controlled. In this direction, machines and aspirations to break with cultural representations identified with the past are necessary for the conformation of another social imaginary. Equestrianism is one of the sports practices that can exemplify the construction of discontinuities and continuities of representations in the dynamics between the old and the modern. The research aims to investigate what cultural representations of the show jumping discipline in equestrianism were established through photographs published in reports about Brazilian participation in the Olympic Games between 1948 and 1996. The temporal scope of the research is between 1948, when Brazilian athletes in show jumping represented the country for the first time in the Olympic Games, and extends until 1996, which marks the conquest of the first Brazilian Olympic medal in the referred equestrian discipline. Thus, two artifacts of modernity and their relationship with the Olympic movement are linked by applying, as a methodology, the analysis of images published in reports on Brazilian delegations in the Olympic scene. In addition, newspapers, magazines, and other periodicals which contained the theme available in the Digital Hemeroteca (BNDigital) of the National Library Foundation were submitted to documentary analysis. Furthermore, images available in sports memory centers, websites of the Brazilian Equestrian Confederation (CBH), state federations, and the International Equestrian Federation (FEI) were accessed. Facing the problem of the image as a sports memory operator and artifact of modernity, the interpretation of the evidence is supported by the New Cultural History field, in order to understand how the register happened and what its functions were in the composition of an artifact or place of memory. Likewise, we seek to interpenetrate the records that are preserved and those that do not remain, as we strive to cross those available in memory centers and official sites with others found in the press of the period.

**Keywords:** equestrianism, Olympic Games, photography, sport history, sports memory.

## Resumen

El movimiento olímpico de la modernidad y el proceso de industrialización surgen prácticamente en el mismo momento, cuando el deporte se vuelve útil para mantener el cuerpo productivo y controlado. En este contexto, las máquinas y las aspiraciones de ruptura con las representaciones culturales identificadas con lo antiguo son necesarias para el imaginario social. En esta investigación, presentamos una historia de la equitación olímpica registrada a través de imágenes de las cámaras y difundidas por la prensa brasileña. El objetivo principal es presentar memorias deportivas olímpicas de la modalidad de salto ecuestre brasileña, constituidas por medio de fotografías entre 1948 y 1996. El marco temporal de la investigación se sitúa entre el año 1948, cuando, por primera vez, atletas brasileños en la práctica del salto de obstáculos representaron al país en los Juegos Olímpicos, y se extiende hasta el año 1996, que marca la primera medalla olímpica brasileña en esa modalidad ecuestre. De esta forma, vinculamos dos instrumentos de la modernidad y su relación con el movimiento olímpico, aplicando, como metodología, el análisis de imágenes transmitidas por los reportajes sobre las delegaciones brasileñas en el escenario olímpico. Además, se sometieron, a análisis documental, publicaciones periódicas, diarios, revistas y otros periódicos, que contenían el tema, disponibles en la Hemeroteca Digital (BNDigital) de la Fundación Biblioteca Nacional. También se accedió a imágenes disponibles en centros de memoria deportiva, sitios web de la Confederación Brasileña de Hipismo (CBH), de federaciones estatales y la Federación Ecuestre Internacional (FEI). Frente al problema de la imagen como operador de la memoria deportiva e instrumento de la modernidad, la interpretación de los registros se apoya en el campo de la Nueva Historia Cultural, con el fin de comprender cómo se produjo el archivo y cuáles son sus funciones en la composición de un instrumento o lugar de la memoria. Del mismo modo, buscamos interrelacionar los registros que se conservan y los que no permanecen, procurando cruzar los disponibles en los centros de memoria y sitios web oficiales con otros encontrados en la prensa de la época.

**Palabras clave:** equitación, Juegos Olímpicos, fotografía, historia del deporte, memoria deportiva.

## Introdução

O movimento olímpico da modernidade e o processo de industrialização emergem praticamente ao mesmo momento, quando o esporte se torna útil para manter o corpo produtivo e controlado. Nesse contexto, as máquinas e as aspirações de ruptura com as representações culturais identificadas com o antigo fazem-se necessárias para o imaginário social. O nascer da fotografia também data desse período, com o advento da tecnologia como fruto do desenvolvimento industrial. A fotografia e o esporte se relacionam ao ponto em que ambos são frutos desse desejo de ruptura. O sentido de ruptura, no citado momento de modernidade, é conceituado, por Le Goff (2013), como o desejo de rompimento com o velho e a tomada de consciência do novo.

A relação entre esporte e fotografia, nas pesquisas sobre História do Esporte, no Brasil, apresenta uma abundância de estudos voltados para o futebol, o qual é apontado como o esporte que representa a nação. Acerca do futebol, notam-se estudos que contemplam desde grandes eventos esportivos até a interiorização do mesmo (Vieira, Oliveira e Pereira 2020, 71-77; Tostes 2022; Fensterseifer 2016; Cruz et al. 2022). Diante de tal constatação, ponderamos que um país de território continental tende à necessidade de apresentar mais sobre seu cenário esportivo, em suas diversas dimensões. Entende-se, assim, que a memória esportiva de uma nação não pode pairar em torno de um único esporte e, por isso, a presente pesquisa enfoca o hipismo olímpico brasileiro, prática pouco abordada em pesquisas no que diz respeito ao contexto nacional.

O esporte hípico tornou-se uma modalidade olímpica, ao longo da história, e exibiu um forte laço com a presença militar, também nos Jogos Olímpicos de verão. Além disso, é o único esporte que apresenta a companhia de um ser não humano na equipe. O esporte equestre teve seu nascimento de práticas eurocêntricas e ligado ao treinamento militar (Hann e Dambull 2016, 648-665; Pereira 2012; Pereira 2016). O hipismo apresenta sua relação estreita com o domínio militar ao ter, como base da sua prática, uma tática de melhoramento do policiamento montado e a relação de melhoria de habilidades atitudinais vinculada à relação interespecies (Lara 2019). Ressalta-se que a relação humano-cavalo representa, no imaginário, uma figuração de liderança, supostamente atrelada à configuração sócio-histórica do humano e do cavalo nos combates ao longo da história da humanidade. Cabe lembrar que essa figuração ainda está presente em um dos aspectos que os militares trabalham junto aos cavalos (Coutinho 2020). Estudos mostram que a relação humano-cavalo, nas competições, promove a capacidade de liderança (Brooks 2021).

O esporte, apesar de contar com a partição humana e do cavalo, não necessariamente representa uma relação ligada ao rural. O caso da prática do hipismo exemplifica outra conexão, a qual está relacionada a uma elite social e militar. Melo (2021, 2-16) demonstra como o hipismo, além do tênis e da natação, representa elementos de distinção em uma região pouco urbana, como Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Além disso, o autor (2012) também corrobora que o esporte e sua vinculação com a imprensa representam um discurso de distinção social.

A questão de gênero e do esporte hípico olímpico tem complicada inserção, pois, apesar de o esporte ter um contexto de dominação hegemônica do sexo masculino, de origem de elite e militar, as mulheres também estão presentes em vários momentos, pertencentes a um determinado estrato social. Entretanto, no que concerne às primeiras edições dos Jogos Olímpicos de Verão, o principal idealizador do evento, Pierre de Coubertin, não apoiava a prática do esporte pelas mulheres, como também condenava a participação delas em eventos públicos (Hann e Dambull 2016, 648-665). No caso do Brasil, a inserção da mulher nas competições de hipismo olímpico acontece somente na segunda metade do século XX, nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, realizados no México, em 1968 (Vieira e Freitas 2007). Estas e outras memórias do hipismo olímpico foram registradas, por meio de imagens, pelas câmeras fotográficas e veiculadas pela imprensa brasileira.

Diante de tais considerações, o objetivo da pesquisa é investigar que representações culturais da modalidade do salto do hipismo foram estabelecidas, por meio de fotografias veiculadas em reportagens, sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos entre os anos de 1948 e 1996. O ponto de partida do recorte temporal é o ano de 1948, quando ocorreu a primeira participação brasileira na competição hípica, na edição dos Jogos Olímpicos de Londres (Inglaterra), no referido

ano. O delineamento temporal estende-se ao ano de 1996, quando a primeira medalha olímpica brasileira é conquistada, na modalidade, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos. O contorno de tempo da pesquisa percorre, portanto, 12 edições dos Jogos Olímpicos. Nesse recorte, o presente texto lida com as provas de salto do hipismo dentro do contexto dos Jogos Olímpicos. Segundo Vieira e Freitas (2007), a modalidade do Salto é a que compõe a prática mais divulgada e praticada, no Brasil, dentre os esportes equestres compreendidos pelo termo “Hipismo”.

As fontes de pesquisa estão atreladas à imprensa e a acervos de sites de instituições que gerenciam o esporte nacionalmente. Assim, foram submetidos, à análise documental, jornais, revistas e demais periódicos que continham a temática disponível na Hemeroteca Digital (BNDigital) da Fundação Biblioteca Nacional. Ademais, foram acessadas imagens disponíveis em centros de memória do esporte, site da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), de federações estaduais e da Federação Equestre Internacional (FEI) (Souza e Pereira 2022, 1-18; Almeida 2011, 9-30), além do livro intitulado História do Hipismo Brasileiro, de autoria do Coronel Renyldo Ferreira.

As seleções de fotografias foram realizadas em etapas: a partir do cruzamento do corpus documental, capturamos as fotografias que compõem todo o período estudado dentro dos Jogos Olímpicos; após, consolidamos um mosaico das fotografias por meio da análise da sua materialidade. Para tal, criamos duas categorias: uma, relacionada com a imprensa; e outra, com os espaços institucionais do hipismo. A primeira categoria, sobre a imprensa e a fotografia, é analisada no tópico “Cavalos, Militares, Civis: voos em busca pelo pódio”; e a segunda categoria, sobre fotografia nos espaços institucionais, é analisada no tópico “Galopes da Vitória: Brasil chega ao pódio e os registros que ficam na memória”.

De tal modo, atrelamos dois artefatos de modernidade e sua relação com o movimento olímpico, ao aplicarmos, como metodologia, a análise de imagens veiculadas pelas reportagens sobre as delegações brasileiras no cenário olímpico. Trata-se de mostrar, pelo uso das imagens, a participação do Brasil nas competições olímpicas de hipismo, ao evidenciar o lugar de memória a partir dos registros fotográficos, interpretando o papel dessas imagens em compor uma história pública do esporte. Para auxiliar nesse trabalho, utilizamos os conceitos de Memória, de Jacques Le Goff (2003); e de Lugar de Memória, de Pierre Nora (1993, 12); e, como aparato metodológico, Boris Kossoy (2012) e Ana Maria Mauad (2005, 133-174).

O presente estudo encontra-se ancorado na Nova História Cultural, por meio da qual foi possível revisitar as fontes e/ou trabalhar com novas fontes. Assim, longe da antiga perspectiva positivista da História, utilizou-se, aqui, a fotografia como fonte (Burke 2005; Hunt 1992). Este trabalho situa-se, ainda, no arcabouço dos Estudos Olímpicos, em uma perspectiva histórica (Pereira, Cancellata e Medeiros 2020). E, para uma compreensão da representação que o esporte hípico vinculado à imprensa constitui, amparamo-nos no conceito de figuração, do sociólogo Norbert Elias (Elias 2001).

Os estudos históricos que fazem uso de fontes tais como filmes, fotografias e monumentos, apresentam uma entrada tímida dentro da História do Esporte, ao ter em vista a preferência de historiadores(as) do esporte pelas fontes escritas. No entanto, Murray G. Phillips, Mark E. O'Neill e Gary Osmond (2010, 1-40) apresentam as possibilidades de uso dessas fontes na pesquisa deste campo. Para além disso, Wray Vamplew (2013, 5-17) demonstra que a utilização, tanto de fontes audiovisuais quanto de fontes visuais, pode contribuir para a construção de uma história do esporte, ao possibilitar, assim, como o autor explicita, “sentir o passado” (Phillips, O'Neill e Osmond 2010, 1-40; Vamplew 2013, 5-17).

### **Memória e esporte hípico: fotografias como lugares de memória**

O ponto de partida para a reflexão, neste tópico, é o reconhecimento de que a memória é uma reconstrução que está ligada, diretamente, com as aspirações do tempo presente. Entende-se, nesse caso, que a operação da fotografia, enquanto retrato fiel de uma cena congelada no tempo, passa, da mesma forma, a operar na lógica de um lugar de memória que evoca o sentimento ligado ao

presente. Apesar dessa cena estar sujeita a diversas escolhas do(a) operador(a) da máquina, desde o momento do clique, até sua relação com a imprensa, que vincula sentido a esta fotografia, tenta-se configurar uma representação atrelada à imagem, bem como comunicar de forma a evocar sentimentos nos(as) leitores(as).

Para tal, Le Goff (1999, 423) conceitua memória como: “[...] propriedade de conservar certas informações; remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. A fotografia é colocada como algo que pode funcionar como um elo de ligação de uma memória. Nesta perspectiva, Mauad (2005, 172) conceitua a fotografia como: “A imagem decalca-se em nosso pensamento como sombras, duplos, projeções, representações, mensagens para sempre ou por um instante na memória, imediatamente ou a longo prazo, como se pensar fosse ver e ver fosse também pensar, numa circularidade difícil de interromper”.

Em uma contextualização das relações de poder, Le Goff (1990) problematiza a questão da dominação com relação ao mecanismo de manipulação das memórias. O autor (1990, 426) explicita que: “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Demonstra, assim, que está presente, na memória coletiva, determinado operador social dessa dita memória, que seleciona o que é lembrado e o que não é posto em evidência na memória de um determinado grupo, ou nicho social.

Na interpretação de Pierre Nora (1993, 12) a memória é o que se constitui, de forma sólida, do que queremos lembrar; constitui um refúgio das lembranças, na rapidez do tempo atual ou, em uma melhor colocação, na aceleração da era industrializada. A partir desse entendimento, podemos perceber que a imagem de um tempo se torna testemunha de uma cena do passado, apesar de ela conter as escolhas do(a) fotógrafo(a) no momento do seu registro. A fotografia apresenta-se como forma de acesso direto, ou enquanto uma forma de direcionar essa memória. Nesse contexto, o ponto de encontro entre Pierre Nora e Jacques Le Goff é que a memória é sempre uma operação do presente.

A aceleração da história, por outro lado, levou as massas dos países industrializados a ligarem-se nostálgicamente às suas raízes: daí a moda retro, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações, o prestígio da noção de patrimônio (Le Goff 1990, 221).

Com o advento da revolução industrial, a imagem, via fotografia, torna-se elemento comum, capaz de registrar o passado e revelar emoção, como explicita Boris Kossoy: “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (Kossoy 2012, 30). Então, a fotografia é uma fonte rica e que pode ser utilizada de forma a revelar um passado, bem como diversos de seus elementos; é a sua própria história; é objeto de investigação. No entanto, a tradição escrita apresentou certo preconceito com relação à utilização dessa fonte. Com a revisão das fontes, a imagem passou a ter uma credibilidade no meio científico, ao apresentar uma problemática tanto de ordem técnica quanto do seu uso social (Kossoy 2015; Mauad 2005, 133-174).

De acordo com o historiador Boris Kossoy, com o incremento da indústria gráfica, houve “a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa” e, de tal modo, “iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais (Kossoy 2015, 28). Logo, Mauad (2005, 135) afirma que “a relação da imagem com o seu referente e o grau de iconicidade dessa imagem é uma questão estética”, mas adverte que “seu julgamento (ou apropriação) tem a ver com as condições de recepção e de como, por meio dessa, atribui-se valor à imagem: informativo, artístico, íntimo, etc.”

## Imprensa e fotografia: constituindo memórias do hipismo

A utilização de revistas, para captar as fotografias que compõem o presente estudo, justifica-se pelo fato de estas serem consideradas para além de um meio de comunicação. As fotografias contidas em reportagens de revistas não se configuram apenas como uma simples ilustração, mas, para além disso, ditam modos de vida, que se alinham à nova perspectiva da modernidade. Nesse aspecto, Mauad (2008) explicita que:

Neste processo, as revistas ilustradas de críticas de costumes, publicadas na cidade desde o início do século, tiveram um papel fundamental ao possibilitarem a divulgação e assimilação rápida de janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX; imagens de pessoas, objetos, lugares e eventos, contribuindo, de forma decisiva, para a criação deste novo padrão de sociabilidade (Mauad 2008, 149-150).

As fotografias, no contexto da imprensa, em especial das revistas, representam os costumes que determinada classe configura como figurações de pertencimento. Ainda demonstram a rede de sociabilidade criada em torno de uma prática. No caso desta pesquisa, é possível identificar os fios que constituem a rede do hipismo no domínio do esporte olímpico.

Ao dirigir-se pela interpretação de Mauad (2008), percebe-se que a cena eternizada pela fotografia tem a apresentar um grau de compreensão com seus receptores; no caso deste trabalho, a fotografia, nas reportagens, tende a apresentar elementos que compõem o imaginário. Em aspectos de aposta - vitória ou derrota -, e também como símbolo de distinções e pertencimentos. Entende-se, assim, que a imagem apresenta, para seu receptor, algo que confere emoção, ao atribuir determinado valor a tal fotografia no conjunto da reportagem, tanto nas matérias das revistas quanto no uso para livros de memorialistas, ou nos *websites*, que referenciam as imagens como símbolos de memória.

A questão metodológica de tratamento das fontes apresenta, em um primeiro momento, a catalogação das fotografias encontradas, ao buscar identificar o local, a data, a autoria, além de uma análise da materialidade da imagem, assim como seu papel nas reportagens. Em um segundo momento, foi realizada uma análise iconográfica. As fontes acessadas à pesquisa foram recolhidas, primeiramente, em jornais e revistas; e, na sequência, foram coletadas imagens de *websites* oficiais. Após a catalogação e fichamento, realizou-se o cruzamento do *corpus* documental, tanto das fotografias quanto das reportagens que as acompanhavam.

Nesse caminho, foram selecionadas imagens que compunham a exposição “Jogos Olímpicos da Era Moderna”, da Hemeroteca Digital Brasileira<sup>1</sup>, a qual apresenta as principais notícias dos Jogos Olímpicos vinculadas aos jornais de circulação nacional. A seguir, a seleção de imagens foi realizada na revista *Manchete Esportiva*<sup>2</sup>, que está disponível, em formato digital, na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Esta revista foi um periódico de representação significativa dentro da imprensa esportiva, com circulação nacional, entre os anos de 1955 a 1996, sendo sua sede situada no Rio de Janeiro e com representação em São Paulo. Por fim, selecionamos imagens do hipismo, no panorama olímpico, de sites de instituições, como a Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), de federações estaduais e da Federação Equestre Internacional (FEI), para além do livro intitulado “História do Hipismo Brasileiro”, de autoria do Coronel Renyldo Ferreira.

Após a seleção, a leitura das imagens, como um texto não verbal, apresentou-se de forma a analisar o/a cavaleiro/amazona e o cavalo, tendo em vista, principalmente, o eixo de análise temporal, visto que as cenas congeladas são flagrantes de determinados tempos dentro da prática. A posição do cavaleiro/da amazona e do cavalo, durante o salto do hipismo, é compreendida a partir dos gestos e tempos da modalidade; o gesto é observado a partir das mãos, do modo de segurar as rédeas, das pernas, da absorção das reações, da direção do olhar, e da colocação do pé no estribo. O gesto e a técnica do salto do hipismo são divididos em seis tempos; o 1º tempo – aproximação; 2º

<sup>1</sup> Ver mais em: <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/os-jogos-olimpicos-da-era-moderna/>.

<sup>2</sup> <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116335&pesq=&pagfis=1>.

tempo – batida; 3º tempo – elevação e passagem do antemão; 4º tempo – planar; 5º tempo – descida; 6º tempo – retorno ao solo (recepção) (Departamento de Educação e Cultura do Exército 2017). Tais características também denotam que este esporte pode restringir-se a um determinado nicho da sociedade, vinculado a um padrão de figuração social. E as organizações, talvez, atuem na configuração de certas imagens para relacionar ao esporte hípico olímpico. Outra reflexão que está posta é a relação estabelecida entre a imprensa e as memórias, na fotografia, ao compor uma história do hipismo olímpico brasileiro.

Outro aspecto importante, na leitura do próprio hipismo enquanto um movimento de modernidade e um esporte permeado por um componente de elegância e sofisticação, refere-se à atenção à vestimenta. Soares (2011) ilustra como as vestimentas, em especial no hipismo, apresentavam uma elegância explícita em seus trajes. No entanto, no que corresponde à eficiência e ao conforto, o esporte hípico apresentava-se de forma a transitar entre a eficácia, o conforto ou a simples elegância. Uma curiosidade que o esporte traz é que a vestimenta era padrão para ambos os sexos. Além disso, as vestimentas eram compostas de “calças compridas e paletós bem cortados, com botas que protegem as pernas e os pés, com chapéus e luvas muito semelhantes” (Soares 2011, 111).

### **Cavalos, militares, civis: voos em busca pelo pódio**

A relação da fotografia com a imprensa e com o esporte se aperfeiçoou simultaneamente. Observou-se que as imagens de um primeiro momento do esporte hípico brasileiro, no contexto olímpico, com registro em jornais e revistas, foram produzidas em preto e branco, na maioria das vezes. No entanto, há fotografias coloridas, em revistas, cujas reportagens são de destaque, acerca dos primeiros galopes do hipismo brasileiro nos Jogos Olímpicos. É importante apontar que as imagens estão vinculadas à imprensa, e ocupam lugar de proeminência, tendo em vista o impacto que provocam.

Conforme Mauad (2005, 133-174), a imagem, dentro da reportagem, na revista, tem o poder de demonstrar, de forma direta, o registro da cena, ao facilitar a compreensão do seu receptor, que tem, em primeiro lugar, o contato com a fotografia. Assim, ponderamos que o uso das fotografias, em reportagens sobre o hipismo olímpico, contribui à formação de uma cultura visual do esporte. No entanto, os jornais e revistas apresentam propostas diferentes ao uso das fotografias. Conforme Soares e Almeida (1998), a imagem e o texto devem ser lidos juntos e separados: juntos, para que possamos apreciar a fotografia de forma fixa; e a leitura, separada, para reinterpretar uma história da imagem. Nessa perspectiva, os autores apresentam uma forma ambígua que o texto e a fotografia podem desenvolver na imaginação do(a) leitor(a), ao ter em vista que a leitura isolada da fotografia possibilita inúmeras interpretações, enquanto que, acompanhados(as) do texto, temos a possibilidade de uma leitura mais estática da fotografia.

Tanto a revista quanto o jornal podem apresentar o mesmo objetivo quando vinculam uma determinada imagem a uma reportagem: a de uma comunicação rápida e a criação de uma cultura visual sobre o esporte. As duas versões, contudo, vão apresentar características diferentes, tanto que, no jornal, a imagem aparece de forma menos destacada; já na revista, o texto nem sempre é o principal da página, já que esse tipo de periódico investe espaço de destaque às fotografias que compõem a reportagem. Essas duas diferenças entre o jornal e a revista ficam evidentes, até mesmo porque o jornal tem um objetivo imediato, enquanto a revista apresenta uma proposta com mais detalhes.

### **Primeiros galopes do Brasil nos Jogos Olímpicos**

As primeiras participações do Brasil, no hipismo, em Jogos Olímpicos, são marcadas pela presença militar e, posteriormente, pela entrada de atletas civis na delegação. A prova de salto é a precursora na participação brasileira, contando com o general Edgar Amaral, Capitão Rubem Continentino, Coronel Eloy Menezes, Tenente Renyldo Pedro Guimarães Ferreira, e o Tenente Coronel Franco Pontes, cuja atuação foi mais expressiva, ao ocupar o 10º lugar na classificação geral nas provas

individuais de salto. Apesar de não ter subido ao pódio, percebe-se que a primeira representação olímpica foi registrada de forma positiva no esporte hípico.

Já a competição olímpica seguinte, que aconteceu no ano de 1952, em Helsinque, na Finlândia, assinalou uma participação brasileira de sucesso, ao garantir a quarta posição na classificação final da prova individual de salto, com Eloy Menezes montando Biguá. No entanto, não atingiu a tão sonhada medalha olímpica, (Fédération Equestre Internationale 2022). Na referida edição do evento, o Brasil também contou com a presença do atleta Coronel Gerson Borges, do Rio Grande do Sul (Pereira, Silva e Mazo 2015, 47-64).

A hegemonia militar no hipismo olímpico brasileiro, justificada pela utilização aguerrida do esporte como treinamento para o alto escalão do exército, perdurou até 1952. Isto porque, na competição dos Jogos Olímpicos de 1956, em Estocolmo, na Suécia, tivemos a participação de um civil na delegação brasileira da modalidade. Sobre essa ocasião, podemos perceber, na reportagem e suas fotografias, presentes na Figura 1, a confiança investida nos atletas brasileiros.

A análise temática do conteúdo das fotografias selecionadas encontra, nesse primeiro momento, um entusiasmo no interior das reportagens da revista *Manchete Esportiva* sobre a participação do Brasil no hipismo em Jogos Olímpicos. As fotografias presentes demonstram cenas com atletas de semblante feliz e realizando saltos.

Um ponto de partida para análise e contextualização da fotografia, é saber de quem é a autoria. No entanto, temos uma lacuna na reportagem da revista, como pode-se perceber, na figura 1. Mas, podemos pontuar, nessa primeira reportagem selecionada, a percepção da disposição das fotografias dentro da mesma, bem como a apresentação de imagens em preto e branco neste período. Apesar de as matérias da revista não conterem assinaturas e nem apresentarem autoria da fotografia, elas contribuem para uma contextualização do uso da fotografia pela imprensa.

As páginas do periódico *Manchete Esportiva* também apresentaram algumas reportagens no período prévio às competições olímpicas. Na figura 1, por meio do título da reportagem “Bem Preparados Todos os Cavaleiros Nacionais”, é possível que houvesse um intuito de instigar o interesse por este esporte, que era inacessível à grande parte das pessoas, mas que poderiam acompanhá-lo pelas reportagens de jornais e revistas como a supracitada. Para além disso, as fotografias apresentam, de forma direta, esse certo entusiasmo dos cavaleiros e dos cavalos bem treinados para a competição, ao representarem, em uma primeira imagem, na parte superior da fotografia, os três atletas em uma cena e, nas outras duas, perspectivas dos cavaleiros em momentos de salto, na parte do quarto tempo do gesto e da técnica; em outras palavras, no ápice do voo por cima do obstáculo.

Esse primeiro registro é importante para perceber como as imagens eram trabalhadas nas reportagens, sendo responsáveis pela comunicação direta, ao fazerem uma referência, de forma objetiva, ao imaginário. Pode-se perceber que as cenas da figura 1 instigam a um possível bom desempenho do Brasil nas provas de hipismo nos Jogos Olímpicos da Suécia, sediados em Estocolmo, em 1956, ao demonstrar, em três fotografias distribuídas dentro de uma reportagem, semblantes felizes dos atletas e registros de seus saltos.

Na cena da figura 2, congelada pela fotografia, temos o registro do militar Eloy Menezes, em sua participação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, na Suécia. Em reportagem anterior, na revista *Manchete Esportiva*, o militar era a aposta na conquista de medalhas olímpicas para o Brasil. No entanto, em edições posteriores, a mesma revista reporta o fato de o atleta não ter conquistado um lugar no pódio (Eloy Menezes em ação 1956).



Figura 1. Bem Preparados todos os Cavaleiros Nacionais. Fonte: Revista *Manchete Esportiva*, 9 de julho de 1956, p.29.

A imagem que acompanha a reportagem é a figura 2, à esquerda da página. Percebe-se que a fotografia tenta demonstrar a parte final de um salto, momento de queda do cavalo e do atleta em direção ao solo, dentro da divisão dos tempos do gesto e da técnica essencial desta modalidade do hipismo; o atleta e o cavalo estão do quinto ao sexto tempo, que corresponde ao momento da descida para a recepção. Nessa direção, a fotografia procura evidenciar a queda, ao mostrar que o atleta não apresentou resultado satisfatório. Demonstra, assim, uma forma de comunicar que algo não saiu como o planejado e usa a cena da queda para a referência ao fato na notícia. A decepção tenta ser traduzida em imagem; a notícia desanimadora e a fotografia compõem, de forma harmônica, esse sentimento que a revista tenta invocar.

A competição de 1956 rendeu, ao Brasil, o 10º lugar na modalidade salto em equipe, com os seguintes atletas: Eloy Menezes, Renyldo Ferreira, Pedro Lopes e Nelson Pessoa (Fédération Equestre Internationale 2022). Assim, o competidor que ganhou destaque em uma reportagem, anteriormente, como grande aposta da revista *Manchete Esportiva*, não apresentou, de forma expressiva, o sucesso esperado. Portanto, não foi em 1956 que o Brasil subiu ao pódio; no entanto, a participação da delegação se manteve estável em diferentes edições dos Jogos Olímpicos.



Figura 2. Eloy Menezes em ação. Fonte: *Revista Manchete Esportiva*, 1 de setembro de 1956, p. 17.

### O hipismo do Brasil tenta subir ao pódio nos Jogos Olímpicos de Roma (1960)

A participação do Brasil, nos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma, na Itália, apresentou uma lacuna em relação a fotografias veiculadas em reportagens das revistas que circulavam no período<sup>3</sup>. Já em 1964, ano da edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio, no Japão, temos mais uma reportagem com fotografia. Dessa vez, a notícia está vinculada a um jornal que apresenta, de forma inédita, a introdução de fotografias em reportagens. Trata-se da fotografia do atleta Nelson Pessoa, como podemos ver na figura 3, vinculada a uma reportagem do jornal *Correio da Manhã*. Ela está posicionada em um pequeno espaço na composição da reportagem, a qual versa sobre o Brasil nos Jogos Olímpicos de 1956. Tem-se uma amostra do quanto a utilização de fotografias, no jornal impresso, é diferente das reportagens em revistas.



Figura 3. Nelson Pessoa Filho e seu cavalo. Fonte: *Jornal Correio da Manhã*, 24 de outubro de 1964, p. 9.

De tal modo, a reportagem do jornal *Correio da Manhã* traz uma imagem que apresenta o cavaleiro Nelson Pessoa Filho, em um salto. O registro foi exatamente no momento em que o cavalo faz o salto, na parte do impulso inicial, aprumado para cima. No título da reportagem, podemos inferir que o atleta é uma

<sup>3</sup> Observa-se uma invisibilização, um apagão de registros; no entanto, em reportagem datada de 2016, é apresentada uma imagem, de acervo pessoal, no registro sobre a participação de um atleta sergipano no hipismo olímpico. Tal fotografia é apresentada e debatida no próximo tópico do texto.

promessa para o país, que tem interesse na tão sonhada medalha olímpica no esporte hípico. Isto porque o Brasil apresentou diversos tropeços, e ainda não havia sido nesta oportunidade e nem com este atleta que conseguiria vir a garantir o pódio (*Correio Da Manhã* 1964, 9).

No entanto, podemos perceber como a imagem compõe um artefato de expressão de sentimento, ao destacar o atleta em determinada posição e ao tentar fazer inferência a uma chance de o país conseguir uma medalha de ouro, assim como podemos conferir, na figura 4, tal representação de sucesso alcançado. E, de fato, o Brasil conseguiu uma colocação substancial, apesar de não desfrutar do pódio. O atleta Nelson Pessoa Filho garantiu o quinto lugar na competição da modalidade de saltos na disputa individual. Isto pode demonstrar a constituição de uma figuração da fotografia com o sucesso do atleta, ao compor uma memória visual do hipismo via imprensa. Em seguida, o Brasil permaneceu no investimento a um pódio no hipismo, ao enviar uma delegação à Cidade do México (México) para os Jogos Olímpicos de 1968.

Na edição do evento de 1968, a competição ocorreu no território do continente americano, mais precisamente na Cidade do México, no México. A revista *Realidade*, que pertencia à editora Abril, apresentou, em sua reportagem, que a esperança nos Jogos Olímpicos estava no atleta Nelson Pessoa. A imagem da figura 4 era uma das mais veiculadas na mídia. Contudo, a fotografia que compunha a reportagem era de uma competição anterior, além de tratar-se da mesma imagem veiculada no jornal *Correio da Manhã*. No entanto, essa reportagem, data de 1972, ano da realização dos Jogos Olímpicos de Verão em Munique (Alemanha), anunciava que teríamos sucesso na competição e a aposta era Nelson Pessoa. A fotografia, que é semelhante e já foi discutida anteriormente, demonstra o padrão de utilização nas reportagens, que expressava essa esperança, ao apresentar o cavaleiro de forma ativa, ainda no seu salto em direção ao alto.



Figura 4. Nelson Pessoa: a quinta olimpíada. Fonte: Revista *Realidade* (SP) agosto de 1972, p 143.

### Galopes da vitória: Brasil chega ao pódio e os registros que ficam na memória

Ao perceber que uma determinada fotografia está presente como menção a outro momento histórico, evidencia-se que ela se consolidou como lugar de referência ou, segundo Pierre Nora, como lugar de memória. Na perspectiva de que uma imagem sirva de referência ao período de glória para o hipismo brasileiro, no contexto olímpico, a seleção abaixo mostra, dentre outros, o registro de uma cena que marcou o momento em que o Brasil ascendeu ao pódio nesta modalidade.



Figura 5. Eloy Menezes com Biguá: 4º colocado em Helsinque, 1952. Fonte: CBH *Retrospectiva olímpica Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016*.

A CBH apresenta uma matéria sobre os fatos e feitos no Hipismo em edições de Jogos Olímpicos. Essa reportagem começa descrevendo a participação do Brasil no evento, e as curiosidades sobre o desempenho do país; além disso, algumas datas são apresentadas, assim como fotografias. Com relação à primeira competição em que o Brasil apresentou uma equipe de hipismo, não contém uma fotografia, e, sim, a imagem de uma moeda dos Jogos

Olímpicos de Londres, de 1948.

As fotografias estão dispostas de forma cronológica no site da CBH. O nosso primeiro destaque em relação a estas fotografias, acima na figura 5, trata da imagem do movimento de salto do conjunto formado pelo atleta Eloy Menezes e pelo cavalo Biguá, um dos conjuntos militares que esteve presente em diversas edições dos Jogos Olímpicos. Um ponto que podemos perceber é a diferença entre a vestimenta dos militares e dos civis. Em contraste evidente, abaixo, na figura 6, a roupa de Pedro Corvelho e de Nelson Pessoa é o uniforme tradicional, enquanto os militares competem com fardas, como é possível perceber nas roupas de Renyldo Ferreira e Eloy Menezes, a qual é a mesma roupa do coronel Eloy Menezes na figura 5.

A roupa, no esporte equestre olímpico, evidencia trajes grossos e os atletas têm todo o corpo coberto por esse tipo de indumentária, ao permanecer praticamente apenas o rosto descoberto. Tais aspectos distanciam-se tanto dos elementos que compõem outras práticas esportivas, como de modelos atléticos do senso comum, uma vez que as roupas dos humanos, nesse esporte, são compostas por trajes sociais, uma característica incomum no âmbito dos demais esportes em geral (Dashper e John 2015, 235-50). Isso é um dos pontos de distanciamento que o hipismo apresenta como uma das portas para interpretação enquanto fenômeno esportivo, composto por figurações de pertencimento e de rede de sociabilidade que o distanciam dos demais esportes. Comprova, assim, um pertencimento a uma determinada classe social. Uma análise de tal traje, em um primeiro momento, remonta às suas origens vinculadas à indumentária militar e de caça, ao considerar-se, assim, um esporte que não é para todos, mas, sim, uma prática para pessoas pertencentes a uma alta classe social e detentoras de privilégios.



Figura 6 - A equipe brasileira em Estocolmo: Pedro Corvello, Renyldo Ferreira, Eloy Menezes e Nelson Pessoa, o Neco. Fonte: CBH - Retrospectiva olímpica - Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016.

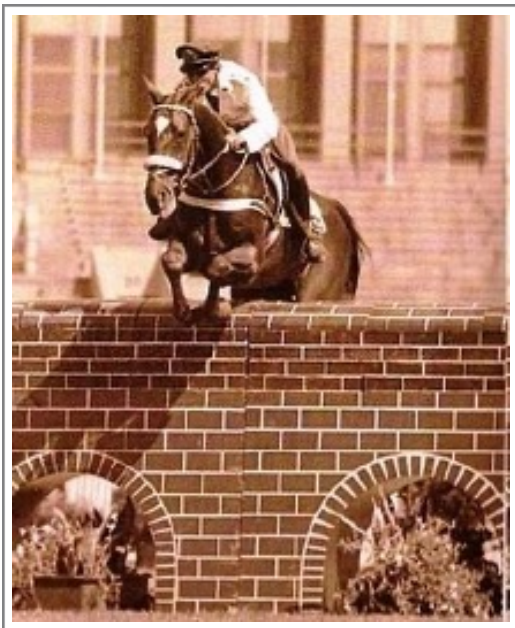


Figura 7. Chico Leite representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960. Fonte: História olímpica: Sergipe teve atleta do hipismo nos Jogos de Roma em 60 - Globo esporte.

Outro ponto de análise que compõe uma configuração da modalidade do salto são as fotografias em momento de suspensão do mesmo, o que confere, ao esporte, uma sensação de perigo. Em contrapartida, a modalidade de adestramento demonstra polidez e elegância junto ao cavalo (Garcia, Silva e Pereira 2019, 194). Isto pode ser percebido nas fotografias vinculadas tanto à imprensa quanto ao espaço das imagens no site da CBH, que, em sua maioria, tratam de cenas de salto.

A delegação brasileira de hipismo apresentou um período inicial com maior domínio de militares. No entanto, a despeito de diversos registros, percebemos uma lacuna com relação a um atleta militar que participou dos Jogos Olímpicos de 1960. Trata-se do atleta alagoano, Coronel Francisco Rabelo Leite Neto (também conhecido como Chico Leite), cujo nome não consta em nenhuma das revistas e jornais utilizados para esta pesquisa. No entanto, a participação é confirmada no site da FEI.

Segundo Vieira (2007), o atleta competiu na modalidade de salto individual e em equipe. Esta teria sido composta pelos conjuntos: Francisco Rabelo Leite Neto, com o cavalo Sultão; Oscar Sotero da Silva, com o cavalo

Cerrito; e Renyldo Pedro Guimarães, com Marengo. Nesta direção, podemos perceber que a imprensa esportiva apresentou informações de forma a lembrar de algo que não foi veiculado em outro momento sobre o atleta. Apesar do coronel Francisco Rabelo Leite Neto não conquistar destaque nas primeiras posições do evento, compõe uma história do hipismo nacional, que não foi referenciada, no momento dos Jogos Olímpicos, pela imprensa esportiva daquela ocasião.

A memória coletiva está sujeita a certos mecanismos de poder, que colaboram para lembrar ou esquecer algo. No que tange a essa operação, a figura 7, que retrata o atleta e coronel Francisco Rabelo Leite Neto, referido como Chico Leite, apresenta-o como uma reconstrução de um esquecimento, ao ter em vista que não consta referência direta da presença do atleta nos Jogos Olímpicos de 1960, na reportagem da Confederação Brasileira de Hipismo, intitulada “CBH Retrospectiva olímpica - Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016”. Ao mesmo tempo, ele é lembrado e até homenageado no período em que o Brasil sediou os Jogos Olímpicos de 2016 (Barbosa 2016).

### Mulheres cavalgando nos Jogos Olímpicos: um salto para além das fardas militares

Ao considerarmos questões de gênero, temos, aí, um dos debates mais profícuos da História do Esporte. Ao termos em vista que a maioria dos esportes apresenta uma massiva participação masculina, esta é utilizada como ferramenta de classificação sexual, que delimita qual esporte cada gênero pode praticar. A presença da mulher foi marcada por preconceitos, com a justificativa de que os esportes, em sua maioria, não poderiam ser praticados pelo sexo feminino por irem contra a sua natureza. Ou, como no caso do Barão Pierre de Coubertin, o qual, apesar de defender a prática de esportes pelas mulheres, questionava a sua participação em eventos esportivos por considerar que a mesma ia contra os valores daquela época, ao entender que a presença das mulheres, durante a prática em público, poderia ser negativa para a imagem das mesmas (Freitas 2022; Hann e Dambull 2016, 648-665).

Pontua-se, também, que o esporte tinha o objetivo de moldar o corpo, ao caber, à prática feminina, o que era permitido a elas, considerando, o mais adelgado, um programa de ginástica e as danças clássicas. Para além disso, para a “condição” feminina, eram restritos os esportes que tinham competições e apresentavam excessos, restringindo, às mulheres, as práticas do hipismo, da natação, dentre outros (SCHPUN, 1999). No entanto, podemos contemplar uma atleta que rompeu paradigmas ao enfrentar essa condição percebida de um espaço que, pela concepção da época, não era apropriado à natureza feminina.

A inserção das mulheres, nos Jogos Olímpicos, foi uma conquista, em especial no hipismo, que teve a primeira participação feminina em 1952. A modalidade é uma das únicas em que as mulheres e os homens competem juntos, sem separação por gênero. Com relação ao Brasil, vamos ter a primeira mulher competindo, no hipismo, na edição dos Jogos Olímpicos de 1968. Trata-se da atleta Lucia Faria, a qual está representada na figura 8, e que ficou classificada na 12<sup>a</sup> posição, na modalidade do salto individual e, na categoria por equipe, ficou no sétimo lugar.

Apesar desse grande avanço, a presença feminina, no hipismo olímpico brasileiro, pode ser colocada de forma tímida e restrita. Temos em conta que a participação masculina apresentou um número mais expressivo, e a presença feminina no hipismo do Brasil, em Jogos Olímpicos, pode ser considerada uma exceção. Isto porque, para além de Lucia Faria, apenas houve a participação de mais uma amazona desde a primeira presença de uma delegação Brasileira de hipismo, em 1948, até 1996, dentro de uma

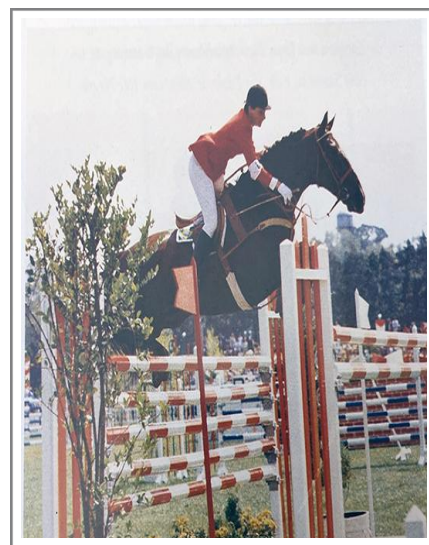


Figura 8. Lucia Faria com o cavalo Rush du Camp, 12<sup>a</sup> colocação nos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Fonte: CBH Retrospectiva olímpica - Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016.

competição dos Jogos Olímpicos. Trata-se de Christina Harbich Johannpeter, que também compôs a equipe brasileira de saltos na edição dos Jogos de Seul, na Coreia do Sul, em 1988.

Temos os registros da participação de Lucia Faria no site da CBH. As fotografias, que contam com a cena da atleta em um de seus saltos (figura 8), e que estão ali presentes, compõem alguns dos elementos dessa ferramenta de memória do esporte, útil na criação de sentimento e composição de uma identidade visual do esporte hípico olímpico.

Por meio de tal cena congelada, retrata-se a presença de uma mulher brasileira no hipismo, a qual esteve ligada a certa representação de poder. Em sua maioria, a participação no hipismo era composta por mulheres das elites, além do próprio contexto do alto escalão militar, constituído por tenentes e coronéis. A presença feminina pode, em um primeiro momento, ser entendida como subversão à regra. No entanto, o espaço do hipismo é local de figurações sociais, permeado por uma rede de sociabilidade, detentora de um poder simbólico, que representa aspirações de uma elite capitalista (Pereira 2016). Para Elias (2001), a figuração e a rede de sociabilidade têm a finalidade de apresentar um *status* de distinção social.

### Hipismo e distinção social

A distinção social, por meio do esporte, é uma forma de demonstrar pertencimento. Nessa direção, o sociólogo Pierre de Bourdieu pontua que essa característica de ser útil, como um elemento de distinção, está relacionada com um fator histórico do esporte, que é o seu atributo aristocrático. Em especial, identifica-se tal aspecto em alguns esportes, como é o caso do hipismo ou demais esportes equestres, os quais apresentam essa característica, como sinaliza o autor:

Estão distribuídas por classe hierarquizada ou, se preferimos, da probabilidade para as diferentes classes de praticá-las, devem muito, com efeito ao passado de tais distribuições em razão dos efeitos de histerese: a imagem “aristocrática” de esportes, tais como o tênis e ou a equitação, sem se falar no golfe, pode sobreviver à transformação - relativa - das condições materiais de acesso (Bourdieu 2007, 194).

A questão da distinção, ligada a práticas de cavalgar, remete a uma retomada aristocrática enquanto um dispositivo de representações de nobreza, elemento que carrega, em sua práxis, uma elegância sutil, diferente da violência e do combate. Apresenta-se, assim, uma mudança de um cavalgar bélico, de guerra, para um cavalgar da elegância e de ser e exibir-se, com movimentos modelados e um domínio poético das ações entre a dupla cavalo e cavaleiro ou amazona. Na obra *História do Corpo*, organizada por Alain Cobrin, Jean Jaques Courtine e George Vigarello, apresenta-se, de forma detalhada, tal movimento de polidez e de elegância no ato de cavalgar (Vigarello 2010).

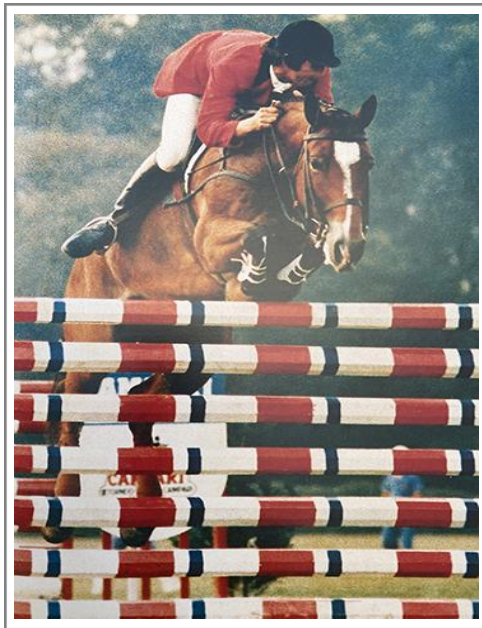


Figura 9. Marcelo Blessmann com MG Alpes, primeiro cavalo de criação nacional a disputar uma edição dos Jogos Olímpicos. Fonte: CBH Retrospectiva olímpica - Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016.

No artifício de distinção social, e no artefato de compor figurações ligadas à elite, além de expressar certo valor e deter as aspirações de determinada classe social, o hipismo é um espaço que converge a uma rede de sociabilidade com os mesmos valores. A própria figura do cavalo compõe essa cena de poder e de distinção ao longo da história da humanidade. Isto pode ser observado desde o período medieval, quando a cavalaria compunha parte fundamental de um exército de determinado reino. Assim, era significativa a participação, desde o alto escalão armado até os reis, em confrontos e batalhas, montando em seus cavalos.

Tal fato da relação entre humano e cavalo pode representar um referencial de poder. Desta forma, no que tange à criação de cavalos, no contexto do hipismo brasileiro, esta apresentou, ainda dentre as primeiras participações em Jogos Olímpicos, cavalos de criação nacional. O Brasil pareceu optar, ao longo do tempo,

pelos animais importados. Mas, em 1984, o país registrou um cavalo de hipismo nacional nos Jogos Olímpicos. Tal imagem do cavalo nacional parece ter grande significado dentro do contexto hípico, como mostra a fotografia acima, figura 9. Esta fotografia compõe o repertório de imagens que representam o hipismo olímpico nacional. O momento, registrado pela lente da câmera, demonstra o cavalo em seu salto. Em comparação com demais imagens, percebemos que o fotógrafo tentou privilegiar o cavalo na escolha do ângulo e do momento do salto, já que, em contrapartida, trata-se de um instante em que o atleta está mais deitado junto ao pescoço do cavalo, ao acompanhar seu movimento.

Um fato de representatividade na relação com o cavalo, no hipismo, é que a composição de sucesso depende da relação de troca entre ser humano e cavalo. A fotografia da figura 9 representa o cavaleiro e atleta Marcelo Blessmann participando dos Jogos Olímpicos com MC Alpes, em 1984, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos. Nessa edição do evento, o Brasil garantiu a 10ª posição no ranking por equipe.

O sucesso almejado pela delegação do esporte hípico é apresentado na figura 10, também presente no site da CBH, ao referenciar a vitória. Logo abaixo, segue uma fotografia datada de 1996, dos representantes da delegação de hipismo, em Atlanta, nos Estados Unidos, por ocasião da conquista da primeira medalha olímpica do hipismo brasileiro: uma medalha de bronze por equipes.

Tal imagem da figura 10 compõe o nosso fechamento da parte das fotografias que constituem uma trajetória do Brasil no hipismo olímpico. Ela é o registro da tão esperada vitória, com um semblante de felicidade aparente em todos os membros da delegação. A fotografia não apresenta a presença dos animais e nem o registro dos saltos, o que, em grande parte, havia composto tanto as reportagens dos jornais quanto das páginas das revistas, além do próprio site da CBH. O site apresenta, majoritariamente, fotografias com cenas dos saltos, no momento vitorioso do hipismo nacional. A cena congelada pelos meios de comunicação da Confederação Brasileira de Hipismo, contudo, foge a esse padrão; ali, só os membros humanos da equipe, com a diretoria, foram vinculados à imagem da vitória.



*Figura 10. Rodrigo Pessoa, Doda Miranda, André Johannpeter, Luiz Felipe de Azevedo com o chefe de equipe Joberto Pio da Fonseca e técnico Nelson Pessoa na conquista da primeira medalha olímpica - bronze por equipes – Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos – 1996. Fonte: CBH Retrospectiva olímpica - Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016.*

## Considerações finais

Histórias do hipismo, no Brasil, e dos militares, trilharam caminhos lado a lado, ao criar uma relação de interdependência entre ambos. Nesse aspecto, nas reportagens com fotografias de militares e dos cavalos, nota-se o registro do nome do atleta, o qual sempre vem precedido de sua patente. Assim, é possível verificar a presença de coronéis e tenentes. Este e outros indícios encontrados nas fotografias e na imprensa revelam traços de uma cultura corporal delineada pelo esporte hípico olímpico no Brasil.

Na relação entre fotografia e imprensa, notamos que, em um momento inicial, a primeira era usada de forma exploratória pela segunda, ao tentar gerar uma expectativa no seu leitor. Fazia-se, assim, um apelo por meio das fotografias. Também nesse primeiro momento analisado, percebe-se que a autoria da imagem não está explícita, e que o uso repetido de uma determinada fotografia era usual em reportagens, mesmo que em períodos diferentes. No entanto, elas operam como mobilizadoras de sentimento e imaginação.

Nessa direção, debatemos como os espaços oficiais do esporte cunham uma história visual do hipismo olímpico. Foi possível perceber que a CBH, e o trabalho de memorialistas do esporte, contemplam fotografias que diferem das que a imprensa veicula nas suas colunas ou seções esportivas. Temos em vista a instabilidade da composição: as cenas congeladas nos jornais têm uma forma mais fixa de interpretação do seu contexto, ao considerar que elas estão acompanhadas de

textos escritos; já as demais fotos do hipismo permitem uma interpretação mais aberta e sua emoção invoca a liberdade do leitor e da leitora.

Outro ponto sobre o qual é necessário se debruçar refere-se a como as imagens veiculadas em matérias sobre o hipismo emergem, de forma instantânea, e seu desaparecimento ocorre da mesma forma. No entanto, a seleção que a imprensa faz configura-se como uma escolha do que deve ser lembrado e como deve ser lembrado. Pondera-se que as imagens relacionadas ao hipismo configuram, de forma sólida, uma história do esporte hípico e, também, são uma forma de comunicação rápida, ao constituir uma ferramenta de divulgação datada. Entende-se, por fim, que as fotografias e a imprensa são apropriadas para a constituição de uma memória esportiva, referenciando o que deve ser lembrado e o que deve ser deletado da narrativa, conduzindo ao esquecimento.

### Financiamento

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Processo: APQ-03240-22, Edital N° 009/2022 - Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. A pesquisa faz parte do projeto: HIPPOS BR - Projeto Interinstitucional (Unimontes, UFRGS, UFAM e CBH) de Mapeamento Histórico do Esporte Hípico no Brasil (<https://www.instagram.com/hippos.br/>).

### Referências

- Almeida, Fábio Chang de. 2011. “Historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para pesquisas históricas”. *Revista Aedo* 3, n.º 8: 9-30.
- Alves de Souza, Mariane e Ester Liberato Pereira. 2022. “Reflexões sobre o uso dos arquivos virtuais na pesquisa histórica: um estudo da coluna Garotas de O Cruzeiro (1938-1964)”. *Revista Antígona* 2, n.º 2: 1-18.
- Barbosa, Thiago. 2016. “História olímpica: Sergipe teve atleta do hipismo nos Jogos de Roma em 60”. *Globo Esporte*, 3 de maio de 2016. <https://ge.globo.com/se/olimpiadas/noticia/2016/05/historia-olimpica-sergipe-teve-atleta-do-hipismo-nos-jogos-de-roma-em-60.html>.
- Bourdieu, Pierre. 2007. *A distinção: crítica social do julgamento*. Traduzido por Daniela Kern y Guilherme João de F. Teixeira. São Paulo: EDUSP.
- Brooks, Jeanne M. 2021. “A Qualitative Exploration of Emotional Intelligence and Leadership in Collegiate Equestrian Competitors”. Dissertation, University of La Verne.
- Burke, Peter. 2005. *O que é história cultural*. São Paulo: Vozes.
- CBH. 2021. “Retrospectiva olímpica | Fatos e feitos do Brasil na modalidade Salto de 1948 a 2016”. *Confederação Brasileira de Hipismo*, 5 de abril de 2021. <http://www.cbh.org.br/index.php/noticias-geral/9163-retrospectiva-olimpica-fatos-e-feitos-do-brasil-na-modalidade-salto-de-1948-a-2016>.
- Corbin, Alain, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. 2012. *História do corpo - Vol. 1: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Correio Da Manhã*. 1964. “Em busca de ouro”. 24 de outubro de 1964.
- Coutinho, Alisson Takeshi Horita. 2020. *A utilização de equinos como fator de desenvolvimento de liderança no oficial de carreira da linha bélica*. Monografia, Rio de Janeiro: Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ).
- Cruz, Whyllerton Mayron da, Maryon Gotardo dos Santos, Anderson D’Oliveira, Patrick Maia Cardoso, Bruno Manoel Medeiros Silva, Ian Umberto Ouriques, Lucas Wollinger Da Silva e Alexandro Andrade. 2022. “A pesquisa sobre o futebol no Brasil”. *Movimento* 28 (5 de novembro de 2022). <https://doi.org/10.22456/1982-8918.121749>.
- Dasher, Katherine e Michael St John. 2015. “Clothes make the rider? Equestrian competition dress and sporting identity”. *Annals of Leisure Research* 19, n.º 2 (14 de outubro de 2015): 235–50. <https://doi.org/10.1080/11745398.2015.1095103>.
- Departamento de Educação e Cultura do Exército. 2017. *Manual técnico equitação*. Exército Brasileiro: Ministério Da Defesa.
- Elias, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- Fédération Equestre Internationale. 2022. “Resultados individuais Jogos Olímpicos- Londres 1948”. *Banco de dados FEI*. <https://data.fei.org/Result/ResultList.aspx?p=CCE93520D7BE3852BC9632E18555CF5AADA50D7AD8351E81200F33E2AE668927>.
- Fensterseifer, Alex Christiano Barreto. 2016. “Produção científica sobre futebol”. Reponame: Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174889>.
- Freitas, Andréia Luciana Ribeiro de. 2022. “Mulheres, “sexo fraco... pois Sim!”: práticas esportivas em Montes Claros/Mg (1979 A 1986)”. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, Universidade Estadual de Montes Claros.
- Garcia, Rafael Marques, Alan Camargo Silva e Erik Giuseppe Barbosa Pereira. 2019. “Retratações de gênero nos Jogos Olímpicos Rio 2016”. *Revista Gênero* 20, n.º 1 (8 novembro de 2019): 194. <https://doi.org/10.22409/Rg.V20i1.38498>.
- Haan, Donna de e Lucy Claire Dumbell. 2016. “Equestrian Sport at the Olympic Games from 1900 to 1948”. *The International Journal of the History of Sport* 33, n.º 6-7: 648-65.
- Hemeroteca Digital Brasileira. n.d. “Exposição Jogos Olímpicos da Era Moderna.” *BNDigital*. Acessado em 28 de janeiro de 2023. <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/os-jogos-olimpicos-da-era-moderna/>.
- Hunt, Lynn. 1992. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kossoy, Boris. 2012. *Fotografia & história*. Brasil: Ateliê Editorial.
- Lara, Anderson Albani. 2019. *O concurso completo de equitação como ferramenta de desenvolvimento de conteúdos da área atitudinal*. Monografia, Rio De Janeiro: Eseqex.
- Le Goff, Jacques. 1990. *História e memória*. Campinas: Editora Da Unicamp.
- Mauad, Ana M. 2008. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Brasil: EdUFF, Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Mauad, Ana Maria. 2005. “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material* 13, n.º 1: 133-74.
- Melo, Victor A. 2021. “O rural civilizado: a experiência do hipismo no Jacarepaguá Tênis Clube (Rio De Janeiro; 1940-1957)”. *Materiales para la Historia Del Deporte* 8, n.º 21: 2-16. <https://doi.org/10.20868/mhd.2021.21.4593>.
- Nora, Pierre. 1993. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História* 10: 12.
- Passos, Gésio e Amanda Ciegliniski. 2016. “Olimpíadas e Jogos Olímpicos não são a mesma coisa; entenda”. *EBC*. <https://memoria.ebc.com.br/esportes/rio-2016/2016/08/olimpiadas-e-jogos-olimpicos-nao-sao-mesma-coisa-entenda>.
- Pereira, Ester Liberato, Carolina Fernandes da Silva, e Janice Zarpellon Mazo. 2015. “As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 1, n.º 29: 47-64.
- Pereira, Ester Liberato, Giandra Anceski Bataglion e Janice Zarpellon Mazo. 2019. “Eventos e tradição familiar no hipismo sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX”. *Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP* 3, n.º 5 (25 de março de 2019): 154-92. <https://doi.org/10.34024/hydra.2018.v3.9077>.
- Pereira, Ester Liberato, Karina Barbosa Cancelli e Jimmy Medeiros. 2020. “Jogos Olímpicos e Paralímpicos na contemporaneidade: uma breve revisão literária da produção científica vigente.” *Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes* 17, n.º 2. Ameli·Ca, <http://portal.amelica.org/ameli/journal/363/3631573002/>.
- Pereira, Ester Liberato. 2012. “As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização”. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pereira, Ester Liberato. 2016. “Configurações sóciohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres”. Tese, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pereira, Ester Liberato, Carolina Fernandes da Silva e Janice Zarpellon Mazo. 2011. “Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas”. *Motriz* 17, n.º 2: 292-302.
- Phillips, Marray G., Mark E. O'neill e Gary Osmond. 2010. “Expandindo horizontes na história do esporte”. *Recorde: Revista do História do Esporte* 3, n.º 2: 1-40.
- Realidade*. 1972. “Hipismo: todas as esperanças estão em Nelson Pessoa”, n.º 77A ed. São Paulo, Brasil.
- Roessler, M. e Bjarke Rink. 2006. “Esportes hípicas”. Em *Atlas do esporte no Brasil*, editado por Lamartine Dacosta. Rio de Janeiro: Confef.
- Rosina, Dhenis. 2017. “The Brazilian women at the 1968 Olympic Games in Mexico”. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies* 1, n.º 2: 172-86. <https://doi.org/10.30937/2526-6314.v1n2.id26>.

- Schpun, Mônica Raissa. 1999. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.
- Soares, Carmen L. 1998. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados.
- Soares, Carmen L. 2011. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas: Autores Associados.
- Tostes, Eduardo Baldo. 2022. "O negro no futebol brasileiro: sociedade e futebol do início do século XX à conquista da Copa Do Mundo de 1958". Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia.
- Vamplew, Wray. 2013. "História do esporte no cenário internacional: visão geral". *Revista Tempo* 17, n.º 34: 5-17.
- Vieira, Guilherme Carvalho, Mailton Nascimento Oliveira e Ester Liberato Pereira. 2020. "Uma história do foot-ball na cidade de Bocaiúva (MG): o esporte bretão e a modernidade no sertão". *Caderno de Educação Física e Esporte* 18, n.º 3 (10 de dezembro de 2020): 71-7. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p71>.
- Vieira, Silva e Armando Freitas. 2007. O que é hipismo. N.p.: *Casa da Palavra*.
- Vigarello, Georges. 2010. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes.

## ORCID

Guilherme Carvalho VIEIRA  <https://orcid.org/0000-0001-7949-4530>

Ester Liberato PEREIRA  <https://orcid.org/0000-0001-6193-9132>

Janice Zarpellon MAZO  <http://orcid.org/0000-0002-8215-0058>